

TAO

242.º Distrito, Shirong, Sichuan, 2098

Como aves grandes demais, equilibrávamo-nos nos nossos ramos, cada um com um recipiente de plástico numa mão e um espanador na outra.

Fui trepando, muito devagar, o mais cuidadosamente possível. Não fora talhada para isto, não era como muitas das outras mulheres do grupo, e os meus movimentos eram frequentemente pesadões. Faltavam-me as subtis capacidades motoras e precisão necessárias. Não fora feita para isto, mas, ainda assim, tinha de estar ali, dia após dia, doze horas por dia.

As árvores eram tão velhas, da idade de uma vida. Os ramos, frágeis como vidro fino, abriam rachas sob o nosso peso. Contorcia-me cuidadosamente – não podia danificar a árvore. Pousei o pé direito num ramo ainda mais acima e puxei cuidadosamente o esquerdo atrás dele. Encontrei finalmente uma posição segura para trabalhar, incómoda mas estável. Dali conseguia alcançar as flores do topo da copa.

O pequeno recipiente de plástico estava cheio de ouro diáfano, cuidadosamente pesado. Tentei extrair delicadamente porções invisíveis, lançando-as sobre as árvores. Cada flor individual deveria ser polvilhada com o minúsculo espanador de penas de galinha, extraídas de galinhas cientificamente selecionadas precisamente para o efeito. As penas de fibras artificiais não se mostravam, nem de perto nem de longe, tão eficazes.

O espanador fora testado vezes sem conta, pois tempo era o que não nos faltava – no meu distrito, a tradição da polinização manual perfazia já mais de uma centena de anos. As abelhas, ali, tinham desaparecido na década de 1980, muito antes do Colapso; os pesticidas haviam-lhes selado o destino. Alguns anos depois, quando aqueles já não eram utilizados, as abelhas regressaram, mas, por essa altura, já fora implementada a polinização manual. Os resultados eram superiores, não obstante requererem um número incrível de pessoas, de mãos. Assim, quando chegou o Colapso, o meu distrito desfrutava de uma considerável vantagem competitiva. Compensara termos sido os maiores poluidores. Fôramos um país pioneiro na poluição, tornámo-nos uma nação pioneira na polinização. Fomos salvos por um paradoxo.

Estiquei-me o mais que pude, mas não consegui alcançar a flor mais alta. Estava quase a desistir, mas sabia que podia ser punida por isso. Tentei de novo. Recebíamos menos se gastássemos o pólen depressa demais. E recebíamos menos se usássemos pólen a menos. O trabalho era invisível. Ao fim do dia, quando descíamos das árvores, não havia sinal algum do nosso labor, com a exceção dos *XX* traçados a giz vermelho nos troncos das árvores – idealmente, até trinta por dia. Só à chegada do outono, quando as árvores estavam carregadas de frutos, sabíamos quem, de entre todos nós, fora de facto bem-sucedido no seu trabalho. Por essa altura, já esquecêramos, em geral, quais as árvores que haviam sido polvilhadas por quem.

Nesse dia, fui destacada para o Campo 748. 748, de quantos? Não sabia. O meu grupo era um entre várias centenas. Nas nossas fardas de trabalho bege éramos tão anónimos como as árvores. Estávamos tão juntos como as flores. Nunca sozinhos, sempre juntos, em bando, lá em cima das árvores, ou vagueando ao longo dos sulcos do terreno, de um campo para o campo seguinte. Só atrás das paredes dos nossos pequenos apartamentos podíamos ficar a sós, algumas curtas horas por dia. A nossa vida era toda passada ali.

Tudo estava em silêncio. Não nos era permitido falar enquanto trabalhávamos. O único som que se fazia ouvir era o dos nossos movimentos cuidadosos nas árvores, um ligeiro aclarar da garganta, alguns bocejos e o tecido das nossas fardas roçando nos troncos das árvores. Por vezes, também, o som do qual todos aprendêramos a não gostar – um ramo a

rachar ou, no pior dos casos, a quebrar completamente. Um ramo quebrado significava menos frutos, e mais uma razão, ainda, para reduzir a nossa paga.

Fora isso, só o vento se fazia ouvir, passando por entre os ramos, soprando sobre as flores, deslizando por entre a erva do chão.

Uma mosca zumbiu pelo ar, coisa rara de se ver. Há vários dias que não via uma ave – também elas eram em menor número. Caçavam os poucos insetos que restavam, e passavam fome, como toda a gente.

Foi então que um som estridente rasgou o silêncio. Era o apito vindo das casernas dos diretores, assinalando o segundo e último intervalo do dia. Apercebi-me imediatamente de como tinha a língua ressequida.

Desci da árvore com cautela desajeitada. Os meus colegas de trabalho e eu descemos das árvores para o solo. As outras mulheres já tinham começado a tagarelar entre si, como se a sua lengalenga cacofónica se ligasse como um interruptor a partir da fração de segundo exata em que sabiam que podiam fazê-lo. Eu não disse nada, concentrando-me em descer sem quebrar nenhum ramo. Consegui. Pura sorte. Era infinitamente desajeitada, e já ali trabalhava há tempo suficiente para saber que nunca seria verdadeiramente boa naquelas funções.

No chão, ao lado da árvore, havia uma garrafa de água metálica, cheia de mossas. Peguei nela e bebi sofregamente. A água estava morna e sabia a alumínio, o que me fez beber menos do que necessitava.

Dois rapazitos vestidos de branco, da Comissão de Comércio, distribuíram rapidamente as caixas de lata reutilizáveis que continham a segunda refeição do dia. Sentei-me sozinha, encostada ao tronco da árvore, e abri a minha. Nesse dia o arroz vinha misturado com milho. Comi rapidamente. Como de costume, tinha um pouco de sal a mais, e fora temperado com malaguetas e soja artificiais. Há muito que não sentia o sabor de carne. Alimentar animais exigia demasiada terra arada. Uma boa parte da alimentação animal tradicional exigia polinização. E os animais não justificavam o nosso penoso trabalho manual.

A caixa de lata ficou vazia antes de eu ficar satisfeita. Levantei-me e meti-a na cesta da loiça suja da Comissão de Comércio. Ocupei então de novo o meu lugar. Tinha as pernas cansadas, mas, ainda assim, hirtas, devido a ter estado tanto tempo imóvel em posições desconfortáveis no cimo das árvores. Sentia formigueiros no sangue; não conseguia manter-me de pé.

Mas isso não ajudou. Lancei um breve olhar em meu redor. Ninguém da direção estava atento. Deitei-me rapidamente no chão, só para esticar as costas. Doíam-me, depois de ter passado tanto tempo dobrada na mesma posição.

Cerrei os olhos por momentos, tentando abstrair-me da conversa das outras mulheres do grupo, e escutando, em vez disso, como o volume da tagarelice aumentava ou diminuía. Esta necessidade de conversar, todas ao mesmo tempo, de onde vinha? As outras mulheres tinham começado ainda pequenitas. Horas seguidas de conversas em grupo, cujo tema consistia invariavelmente no menor denominador comum, e em que nada se aprofundava. Com a exceção, talvez, daqueles momentos em que aquela de quem se falava não estava presente.

Pessoalmente, preferia conversas a dois. Ou, já agora, estar sozinha. Durante o trabalho, geralmente esta última. Em casa tinha Kuan, o meu marido. Não que mantivéssemos longos diálogos – não era a conversa que nos mantinha unidos. As referências de Kuan eram o aqui e o agora. Era um homem concreto, que não ansiava por conhecimento, que não desejava aquele algo mais. Nos seus braços, porém, eu encontrava paz. E tínhamos, também, Wei-Wen, o nosso filho de três anos. *Dele* podíamos falar.

Quando a toada da cacofonia quase me embalara até adormecer, fez-se subitamente silêncio. Todos se calaram.

Sentei-me direita. As outras mulheres do grupo olhavam a estrada.

O cortejo caminhava pelos sulcos das rodas, na nossa direção.

Não teriam mais de oito ou nove anos. Reconheci vários da escola de Wei-Wen. Todos tinham recebido fardas de trabalho idênticas, os mesmos uniformes bege sintéticos que nós próprias envergávamos, e caminhavam na nossa direção o mais depressa que as suas pernas curtas lhes permitiam. Dois chefes adultos mantinham-nos em linha. Um à frente, o outro atrás. Ambos tinham vozes poderosas que corrigiam incessantemente as crianças, mas não as repreendiam, antes lhes transmitiam instruções em tom afável e carinhoso, visto que, se as crianças ainda não se tinham apercebido totalmente do local aonde se dirigiam, os adultos conheciam-no bem.

Os miúdos caminhavam de mãos dadas, em pares irregulares, os mais altos com os mais baixos, os mais velhos cuidando dos mais

novos. Uma marcha desigual, desorganizada, mas de mãos apertadas, como se estivessem coladas. Talvez tivessem sido instruídos a não as soltarem.

Os seus olhos fitavam-nos, nas árvores. Curiosos, franzindo um pouco os narizes, inclinando as cabeças. Como se estivessem ali pela primeira vez, embora todos tivessem crescido no distrito e não conhecessem outra Natureza que não as fileiras intermináveis de árvores de fruto, com o pano de fundo da sombra da floresta cerrada, a sul. Uma menina baixa olhou-me demoradamente, com os seus olhos grandes e ligeiramente próximos um do outro. Piscou algumas vezes os olhos e depois espirrou sonoramente. Segurava pela mão um rapaz magricela. Este bocejou ruidosa e descaradamente, não levou a mão livre à boca nem se apercebeu de que o rosto se lhe abria num buraco escancarado. O seu bocejo não era expressão de tédio, era demasiado novo para isso. A origem da sua fadiga era a falta de alimento. Uma rapariga alta e de compleição frágil segurava um rapazinho pela mão. Este respirava pesadamente pelo nariz entupido, de boca aberta. A menina alta puxou-o para trás de si enquanto voltava o rosto para o sol, piscando os olhos e franzindo o nariz, mas sem mudar a posição da cabeça, como que para apanhar uma cor, ou então para reunir um pouco de força.

Chegavam todas as primaveras, as crianças novas. Mas eram habitualmente tão pequenas? Seriam mais novas, desta vez?

Não. Tinham oito anos. Como sempre. As aulas tinham terminado. Ou... bem, tinham aprendido números e algumas letras, mas, para além disso, a escola era apenas uma espécie de sistema regulado de armazenamento. Armazenamento e preparação para a vida aqui fora, visando fazê-las sentar-se sossegadas durante muito tempo. *Sentem-se em silêncio. Completamente em silêncio, isso mesmo.* E exercícios visando desenvolver a sua motricidade fina. Tecer carpetes a partir dos três anos. Os seus dedos minúsculos eram ideais para trabalhar com padrões complexos. Tal como eram perfeitos para trabalhar aqui.

As crianças passaram por nós, voltando os rostos para a frente, para outras árvores. Depois, seguiram caminho, para outro campo. O rapaz desdentado ia tropeçando, mas a rapariga alta segurou-lhe firmemente a mão, e não chegou a cair. Os pais não estavam aqui, mas eles tomavam conta um do outro.

As crianças desapareceram ao longo do sulco, afogadas por entre as árvores.

– Para onde é que eles vão? – perguntou uma mulher do meu grupo.

– Não sei – respondeu outra.

– Provavelmente para o quarenta e nove ou o cinquenta – aventou uma terceira. – Lá ainda ninguém começou.

Senti um nó no estômago. Para onde se dirigiam não importava. O *que* iam fazer é que...

O apito fez-se ouvir das casernas. Subimos de novo às árvores. O meu coração batia, apesar de não me faltar o fôlego. As crianças não tinham ficado mais pequenas. Era Wei-Wen... daí a cinco anos teria oito. Daí a cinco anos apenas. Seria, então, a sua vez. As mãos trabalhadoras valiam mais aqui do que em qualquer outra paragem. Os dedinhos, já habituados a tecer tapetes, treinados para a motricidade fina dia após dia na escola, já afinados para este tipo de trabalho. Crianças de oito anos aqui, dia após dia, corpinhos rígidos nas árvores. Nem uma desculpa para uma infância, como eu e os da minha idade tínhamos tido. Tínhamos ido à escola até aos quinze anos.

Uma não-vida. Tremiam-me as mãos quando levantei a que segurava o precioso pó. Tínhamos todos de trabalhar para conseguir comida, dizia-se, para produzir a comida que comeríamos nós mesmos. Todos tínhamos de contribuir, até mesmo as crianças. Afinal, quem precisa de uma educação, quando o trigo escasseia nos armazéns? Quando as rações diminuem a cada mês que passa? Quando temos de ir com fome para a cama todas as noites?

Voltei-me para chegar às flores por trás de mim, mas desta vez os meus movimentos foram demasiado abruptos. Bati num ramo de que não me apercebera, desequilibrei-me subitamente e caí de forma pesada sobre o lado contrário.

E foi o suficiente. O som de madeira a rachar que todos aprendêramos a odiar. O som de um ramo a quebrar-se.

A supervisora dirigiu-se-me rapidamente. Levantou os olhos para a árvore e avaliou os danos sem nada dizer. Apontou rapidamente algo num bloco de notas antes de se ir embora.

O ramo não era nem grande nem forte. Mas eu sabia, em todo o caso, que todos os meus excedentes deste mês desapareceriam. O dinheiro cujo

destino seria a caixa de lata do armário da cozinha, onde guardávamos cada yuan que conseguíamos poupar.

Respirei fundo. Não podia pensar nisso. Não podia senão continuar. Levantar a mão, enfiar o espanador no pólen, dirigi-lo cuidadosamente às flores, passá-lo sobre elas, como se eu fosse uma abelha.

Evitei olhar para o relógio. Sabia que de nada serviria. Sabia apenas que, a cada flor que polvilhasse com o espanador, ficaria um nadinha mais perto da noite. E da única hora de que dispunha todos os dias para estar com o meu filho. Aquela hora minúscula era tudo o que tínhamos, e nessa hora minúscula talvez conseguisse fazer a diferença. Plantar uma semente que lhe desse a oportunidade que eu própria nunca tivera.